

Entender e capturar as homossexualidades: a produção de discursos dos grupos gays em materiais didáticos

Anderson Ferrari¹

RESUMO

Interessados no campo da Educação desde sua origem, o movimento LGBTTT vem afinando o trabalho, sobretudo de intervenção no espaço escolar. No entanto, outro aspecto chama atenção que é o entendimento de Educação como algo mais amplo, envolvido no investimento num outro tipo de sujeito, que diz da desconstrução de imagens negativas das homossexualidades ligadas a doença e pecado, ao mesmo tempo que busca a construção de imagens mais positivas. Diante disso, o foco de análise desse texto será a preocupação com a produção de material didático, entendido como uma forma de discurso dos grupos gays organizados e como uma frente de ação desses grupos para atingir seus objetivos. O material produzido é vasto e com diferentes objetivos a serem atingidos. São jornais, boletins, material informativo sobre DSTs/Aids, material de propaganda do grupo, material informativo sobre questões que envolvem as homossexualidades e material voltado para as escolas especificamente. Nesse sentido, estaremos utilizando como objeto de análise esse material produzido para serem distribuídos e divulgados exclusivamente nas escolas, para adolescentes e para os professores. A pesquisa, de cunho etnográfico, foi realizada com quatro grupos gays organizados: o Grupo Gay da Bahia (GGB-Salvador), o Movimento Gay de Minas (MGM-Juiz de Fora), o grupo Diversidade (Campinas) e o grupo Corsa (São Paulo).

Palavras-chave: Sexualidade. Homossexualidade. Discurso. Material didático

Understanding and capturing homosexualities – gay discourses in teaching materials

ABSTRACT

Interested in the field of education since its beginning, LGBT movement has refined its work, particularly in intervention in school space. Nevertheless, another aspect has called the attention: understanding education as something wider, involved in investing in another kind of subject, deconstructing negative images of homosexualities associated with illness and sin, while constructing more positive images. Thus, this text will focus on production of the teaching material, as understood as a kind of organised gay discourse, and as area of action for these

¹ Pós-doutorado em Cultura Visual pela Universidade de Barcelona (UB). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

groups to achieve their goals. The produced material is vast and has different goals. They are newspapers, bulletins, newsletters about STDs/AIDS, advertising for the group, newsletters about homosexuality, and school-targeted material. In this sense we will use this material as an object of analysis to be distributed and spread especially in schools for teens and teachers. The research, of an ethnographic nature, was done with four gay groups: the GGB in Salvador (BH), MGM in Juiz de Fora (MG), the Diversidade in Campinas (SP), and the Corsa in Sao Paulo.

Keywords: Sexuality. Homosexuality. Discourse. Teaching material

INTRODUÇÃO

Início este texto contextualizando-o, não somente quanto à problemática de pesquisa em que ele se insere, mas também quanto à questão social que ele expõe. Por um lado, ele faz parte de uma pesquisa mais ampla em Educação que buscou analisar até que ponto o trabalho desenvolvido pelos grupos gays pode ser entendido como educativo, já que um dos seus comprometicimentos é com a produção de conhecimento. E, sobretudo, até que ponto essa produção é problematizada pelos grupos, ou mesmo se elas estão servindo para a construção de “verdades” sobre as homossexualidades? Por outro lado, é a tentativa de trazer para a discussão a relação entre discurso e a construção de identidades. Como nos lembra Veiga-Neto (2000) a “fragmentação do sujeito” expõe a necessidade de se examinar os processos pelos quais esses sujeitos estão sendo construídos e como esses fragmentos que o compõem se relacionam entre si e com os outros sujeitos. São processos que envolvem discurso e relação de poder, que definem os significados e que são fundamentais para a construção das identidades.

Ambas têm um ponto em comum que pode ser definida pela perspectiva foucaultiana: o entendimento de que as sexualidades não são uniformes, mas, que variam no interior das sociedades e entre elas. Dessa forma, as homossexualidades assim como as outras orientação sexuais, passam a ser entendidas a partir da relação com a cultura, ou seja, como uma construção social, como um produto cultural, como uma categoria de conhecimento, como resultado de discursos e não como uma essência que deve ser descoberta, revelada e denunciada. (Foucault, 1988). Mais do que isso, estamos assumindo a perspectiva pós estruturalista que o pensamento de Foucault é tributário. Isso significa dizer que nossas análises estarão centradas nos fenômenos culturais, ou seja, no entendimento de que toda prática social tem uma dimensão cultural, articulando aspectos como discurso e construção das identidades (Hall, 1999). Para Hall (2000), Silva (2000) e Woodward (2000) toda prática social é construída pelo discurso. Neste sentido, a forma como os grupos se estruturam tem uma relação direta com as representações e com a relação de

poder que organizam o social e que dizem respeito a produção de textos, imagens, discursos, condutas, narrativas que os organizam e que dessa forma molda cada aspecto da vida social e que tem haver portanto com o público e com o privado.

A pesquisa, de cunho etnográfico, foi realizada com quatro grupos gays organizados: o Grupo Gay da Bahia (GGB-Salvador), o Movimento Gay de Minas (MGM-Juiz de Fora), o grupo Diversidade (Campinas) e o grupo Corsa (São Paulo). Para coleta de dados, a metodologia adotada baseou-se na participação nas reuniões dos grupos, no interesse pelos projetos desenvolvidos, nas intervenções dos grupos em outras instituições, sobretudo nas escolas e universidades e na produção de material de informação. Com isso, foi possível perceber que o trabalho dos grupos envolvia uma questão central: a desconstrução dos parâmetros da homossexualidade. No entanto, essa preocupação passava pela construção de discursos, imagens e identidades mais positivas das homossexualidades. Nessa relação entre desconstrução e construção, a educação, vem assumindo um lugar central na preocupação dos grupos.

Segundo Góis (2003), essa preocupação com a educação foi fortalecida a partir do surgimento da epidemia de AIDS. Primeiro porque a doença foi capaz de dar origem a variados debates em diferentes campos de conhecimento, como a medicina, o direito, a história, a sociologia, a educação e tantos outros. Segundo porque os grupos tiveram que se organizar diante de um duplo desafio: o enfrentamento da doença em si, visto que os homossexuais eram vítimas preferenciais nesse início de epidemia e a luta contra a Aids social que gerava violência, discriminação e preconceito, já que os homossexuais tornaram-se os “culpados” pela difusão da doença, em grande parte graças as imagens e informações erradas transmitidas pelos diferentes meios de comunicação na pressa de conter a epidemia e o despreparo governamental diante dela. A partir disso foram construídas imagens preconceituosas sobre a doença e sobre os doentes gerando uma sub-epidemia: a do medo, da violência e do desespero (Góis, 2003).

Diante desse quadro os grupos gays já organizados saíram na frente na luta contra a doença e, sobretudo, em busca de divulgação de informações capazes de combater a subepidemia. Reforçando esse lado, surgiram as organizações não governamentais ligadas diretamente a luta contra a AIDS, que juntamente com os grupos gays buscaram produzir novas linguagens a respeito da doença. “No que pode ser descrita como uma prolongada batalha

político-cultural contra tais segmentos, essas organizações implementaram um conjunto de ações de enfrentamento à epidemia no qual em par com retórica da solidariedade, a educação assumiu um papel fundamental”. (Góis, 2003:28).

Portanto, há uma grande preocupação dos grupos com o contexto escolar e com o tipo de formação e informação que os adolescentes homossexuais ou não estavam tendo contato em tempos de Aids. Isso parece se justificar pelas questões que estão em pauta para os grupos gays desde sua origem, como visibilidade, orgulho, respeito e cidadania, além dos adolescentes representarem a continuidade, permanência ou mesmo ruptura com o que está em discussão.

Podemos afirmar que o movimento gay, desde sua origem no final da década de 70, estava preocupado com a construção de novas formas de conhecimento, além de se dedicar às questões que envolviam a visibilidade, a luta por direitos civis e por cidadania plena. Essas questões que estavam na agenda do movimento gay na sua origem permanecem atuais e em constante renovação, portanto, sempre presentes. Essa constatação demonstra como a luta do movimento é árdua e como o entendimento da ação dos grupos passa pela constante preocupação com a desconstrução dos parâmetros das homossexualidades com seus consequentes tabus e pela construção de identidades mais positivas exatamente a partir de outros parâmetros que sirvam como embasamentos na valorização da autoestima, autoimagem e do autoconceito de seus integrantes.

Frente a essas questões, podemos dizer que os grupos pesquisados organizam suas ações de intervenção nas escolas de duas formas: através de palestras, tanto para adolescentes quanto para os profissionais de educação, em que discutem não somente as homossexualidades, mas também sexualidades, relação gênero, orientação sexual e identidades e DSTs/AIDS e através de material de divulgação, produzido pelos próprios grupos. Quase sempre essas duas maneiras ocorrem simultaneamente. Após as palestras ou mesmo durante as falas são mostrados cartazes e distribuídos os materiais produzidos.

Partindo dessas reflexões, o foco de análise desse texto será a preocupação com a produção de material didático, entendido como uma forma de discurso dos grupos gays organizados e como uma frente de ação desses grupos para atingir seus objetivos. Neste momento, também estaremos discutindo outras questões como que propostas, práticas, imagens e discursos são produzidos no interior desses grupos e quais as potencialidades e limitações dessas construções para os homossexuais integrantes dos grupos,

para aqueles classificados como homossexuais e que não participam das reuniões, para a relação entre homossexuais e outras orientações sexuais e para a educação de forma geral? Mas se faz necessário delimitar ainda mais o nosso foco de análise. Isso porque o material produzido é vasto e com diferentes objetivos a serem atingidos. São jornais, boletins, material informativo sobre DSTs/Aids, material de propaganda do grupo, material informativo sobre questões que envolvem as homossexualidades e material voltado para as escolas especificamente. Nesse sentido, estaremos utilizando como objeto de análise esse material produzido para serem distribuídos e divulgados exclusivamente nas escolas, para adolescentes e para os professores.

No entanto, é importante justificar porque todo esse material produzido pelos grupos gays se inscreve no campo da educação. Eles dizem respeito à educação porque trata dos processos de produção de identidades, ou seja, de demarcar os limites, as fronteiras, de incluir e de excluir, de nomear, de classificar alguns sujeitos em hierarquias de normalidade segundo determinados padrões. Em termos de pesquisa, trata-se, enfim, de entender como é o trabalho dos grupos gays, de conhecer os seus modos de operação com vistas a desconstruir determinados discursos, imagens e práticas, contribuindo para construir novos conhecimentos, imagens mais positivas das homossexualidades. Conhecimento, aqui, significa adquirir um saber a partir da própria história das homossexualidades e seu entendimento como construção cultural e social, que pode ser usado na direção de dizer o que deve ser feito em relação à prevenção as DSTs/AIDS, aos cuidados com a agressão e violência, as medidas a serem tomadas contra a discriminação e preconceito e, sobretudo, a criação da autoestima, autoimagem e identidades mais positivas.

Além disso, uma outra questão se coloca em termos de pesquisa, especialmente quando assumimos o referencial teórico pós-estruturalista, inspirados em Foucault, que é a produção de discursos relacionada a busca por conhecer mais, que esse material revela. É a tentativa de entender e capturar essa prática classificada durante muito tempo como anormal, doentia, amoral e transgressora – as homossexualidades – e, assim possibilitar a construção de um novo entendimento dessas práticas, amplamente difundida pelo material produzido. Então, a produção de discurso presente nesse material caminha em duas direções: a primeira que é questionar e problematizar determinados saberes que classificam pejorativamente as homossexualidades e a segunda, que é a produção de novos saberes e imagens mais positivas das homossexualidades. Por tudo isso esse material pode ser classificado de

didático na medida em que está envolvido num processo de ensino aprendizagem direcionado não somente aos homossexuais, mas ao público em geral.

Uma outra preocupação desse material, que também serve para entendê-lo como envolvido numa preocupação educativa é a preocupação em se aproximar de outros tipos de saber numa estratégia de prevenção ao HIV, a fim de diminuir os riscos de transmissão. Nesse sentido, um novo desafio é colocado para os grupos gays organizados, para os seus membros e para o material produzido: a educação em saúde.

PROJETO SE LIGUE: EDUCAÇÃO EM FOCO

A preocupação dos grupos gays com a educação passa pelo reconhecimento da adolescência como um momento problemático para o jovem gay. Essa constatação fundamenta-se na própria história de vida dos integrantes adultos, que parecem marcados por situações de enfrentamento do preconceito, discriminação, agressão e violência nessa fase da vida. Nesse sentido, a preocupação com os adolescentes passa por uma atenção diferenciada com a aprendizagem, tendo como foco a leitura de mundo em que primeiro há a necessidade de romper com as interpretações que nos são dadas. (LARROSA, 2000). O papel educativo do movimento gay se enquadra na perspectiva de uma formação não normatizada de leitura de mundo, de “desaprendizagem ao fim da qual o mundo aparece aberto e disposto para ser lido de outra maneira”. (LARROSA, 2000, p.B10). Neste contexto, a luta do movimento gay não se constitui pela ampliação do número de estudantes, como acontece para alguns grupos sociais minoritários, embora haja a preocupação com a manutenção e mesmo com o retorno de algumas identidades homoeróticas que sofrem mais com a violência e a discriminação no contexto escolar. Assim, essa luta se articula em torno de uma educação mais democrática, qualitativamente diferente e informada com as questões que envolvem as identidades homossexuais. Dessa forma, a atuação dos grupos no interior das escolas se faz, de um lado, direcionada a formação e informação aos professores e demais profissionais que lidam com os alunos e, de outro, uma atenção com os próprios alunos, de maneira que isso reverta o quadro de discriminação, violência e preconceito, possibilitando a continuidade dos alunos homossexuais nas salas, ampliando-lhes a oportunidade de buscarem qualificação profissional e conhecimento que têm influência direta nas suas vidas.

Obviamente este texto não pode responder todas as suas perguntas, inquietações e dúvidas sobre a homossexualidade. Esperamos que ele lhe dê algumas pistas por onde começar sua felicidade. Você não precisa estar sozinho quando for explorar sua identidade sexual. Os grupos e instituições indicados no final deste livrinho lhe ajudarão nesta caminhada: ali você encontrará informações, respostas e amigos. (GGB, 21).

Portanto, para começo de conversa sobre a identidade homossexual e a educação diferenciada que devem ter os jovens gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, devemos partir de três postulados que fundamentam a Antropologia da Sexualidade, conclusões resultantes de rigorosas pesquisas de campo, tão científicas e verdadeiras quanto a revolucionária teoria de Galileu sobre o sistema solar, confira.

1. A sexualidade humana não é instintiva, mas uma construção cultural;
2. A cultura sexual humana varia de povo para povo e se modifica ao longo do tempo dentro de uma mesma sociedade;
3. Não existe uma moral sexual natural e universal, portanto a sexualidade humana é amoral, no sentido de que cada cultura determina por razões subjetivas e nem sempre salutares, quais comportamentos sexuais serão aceitos ou condenados. (GGB, 2002, p. 5).

Embora os quatro grupos pesquisados tenham clara preocupação com essas questões, o que se traduz na tentativa de sempre estarem presentes nas escolas, sobretudo através de palestras, apenas um deles - o GGB de Salvador - mantém um projeto diretamente voltado para a ação nas escolas, denominado “Projeto Se Ligue”, financiado pelo Ministério da Saúde. É parte desse projeto a produção de material didático impresso. Esse projeto está em vigor desde 2002 e trabalha em duas frentes: junto aos professores com formação continuada e com os adolescentes. Em ambos os casos a preocupação é discutir a sexualidade, DSTs/AIDS e informações a respeito das homossexualidades, com dicas de como lidar com essas questões no interior das escolas. O projeto é oferecido as escolas tanto para capacitar seus profissionais quanto para esclarecer os adolescentes, de forma geral, com enfoque especial, nos dois casos, para a desconstrução da homossexualidade

de qualquer explicação pejorativa e a construção de identidades positivas da homossexualidade. Isso é claramente exposto nos materiais distribuídos:

Consideramos urgente desconstruir a imagem errada que se perpetua contra os homossexuais em nossa sociedade. Imagem que é transmitida fartamente pelos meios de comunicação, televisão, jornais e revistas difamando esse segmento que sofre anonimamente com o preconceito. Já é tempo de se abandonar esta visão estereotipada de gays e lésbicas e estancarmos tamanha violência contra os jovens homossexuais. (GGB, 2002, p. 9-10).

Considerando que toda identidade é construída coletivamente, o encontro com o grupo parece fundamental para esse processo (SILVA, 2000; HALL, 2000). Esse aspecto parece direcionar toda produção do projeto, visto que há ênfase em informações que servem para direcionar os adolescentes a construir suas identidades como homossexuais a partir do reconhecimento com as histórias, sentimentos, conflitos, desejos e questionamentos de outros homossexuais e que estão expostos como exemplo e como parâmetros nos materiais distribuídos. Entendendo a importância do encontro com o grupo de pertença, há sempre um convite direcionado aos adolescentes de aproximação com o grupo gay, num prolongamento da escola para o grupo.

Rodas de Bate-papo

Se você é jovem e quer ficar de bem com a vida, conhecer pessoas legais iguais a você, este é um convite para você participar de vários bate-papos super bacanas do projeto **SE LIGUE**. Ele foi desenvolvido para você conhecer mais sobre aids, sexualidade, drogas, DST, auto estima, relações com a família, escola e outras coisas interessantes, como arte e cultura. Não vai faltar comida, muita diversão e azaração, claro!

A partir daí as cartilhas seguem uma tendência a “ensinar” a esses alunos que se sentem gay, como devem agir em diferentes situações. Portanto, todo material didático produzido e que sustenta o projeto Se Ligue está centrado em três aspectos que interagem e dialogam constantemente, como também servem

para concretizar os objetivos do grupo, organizando suas ações. São eles: a noção de pertencimento, a construção das identidades e a desconstrução dos parâmetros da homossexualidade.

Assim sendo o movimento gay adquire uma importância e responsabilidade maior. Primeiro porque são adolescentes, ávidos de informação, repletos de dúvidas e incertezas, iniciando suas vidas sexuais em tempos de Aids, em pleno processo de construção de suas identidades e buscando a identificação com seu grupo de pertença. Segundo porque ele passa a ocupar um espaço aberto pelas escolas, diante da dificuldade dessa instituição em trabalhar com as questões da diferença e da homossexualidade, capacitando professores para o enfrentamento dessas questões no cotidiano escolar. Terceiro, porque diferente de outros espaços sociais freqüentados por homossexuais, o movimento gay tem uma história que ressalta seu caráter político. Não é um espaço de sociabilidade regido pela festa, dança, música, paquera e divertimento, por mais que isso possa estar presente em alguns momentos de sociabilidade no movimento gay. No entanto, a sua dinâmica de organização não se caracteriza por essas formas de atuação, mas por uma outra, comprometida com a informação e com o incessante combate a discriminação, ao preconceito e as imagens negativas da homossexualidade e com um projeto de construção de identidades positivas e com a auto-estima dos homossexuais. Assim sendo, a iniciação dos adolescentes nos grupos gays parece ser diferente das que ocorrem nas boates e bares gays, embora esses espaços também sejam importantes para a construção das identidades homossexuais.

Quando os grupos deixam suas sedes e ocupam outros espaços sociais ele aumenta sua visibilidade, divulga seu trabalho, suas idéias e suas formas de agir e pensar. A visibilidade dos grupos gays está servindo para difundir um discurso diferente do que comumente está em vigor e essa novidade parece contribuir para construção de novas formas de pensar e novos conhecimentos. Assim, esses discursos podem ser entendidos como instrumento cultural de mediação das identidades sociais, na medida em que estão servindo para criar um sentimento de pertencimento. É a instituição – os grupos gays organizados – saindo do isolamento, negando o caráter de “gueto” que tantos o atribuem, socializando suas idéias e seus trabalhos.

Os significados construídos sobre as homossexualidades desempenham importante função na legitimação das identidades. Portanto esse processo de construção de quem somos expõe o papel educativo dos grupos gays, visto que

é através da apropriação dos significados das histórias compartilhadas que vão dando sentido e respondendo a questão “quem somos”. As histórias compartilhadas servem para criar um sentido de pertencimento e de solidariedade com os grupos. E, como nos lembra Santos (1993), quem questiona sobre sua identidade, questiona sobre o seu lugar no mundo e o lugar do outro, ou seja, questiona sobre essa relação de poder que organiza essas negociações.

Permita-me citar minha própria história de vida pois faço parte dos 10% da população infanto-juvenil que foi vítima de violência sexual: fui estuprado psicologicamente. Não sofri violência sexual física, mas durante toda minha infância e adolescência, fui emocionalmente torturado dia após dia. Várias vezes por dia. E o pior de tudo, pessoa alguma jamais manifestou o menor apoio, solidariedade ou compaixão com aquele menininho que desde que chegou à idade da razão, se deu conta que era diferente de seus irmãos, primos e coleguinhas. Eu era *mariquinha!* (GGB, 2002, p.7).

Como existem diversas identidades homossexuais, para cada um se identificar individualmente como homossexual, ele à princípio passa pela identificação dos diferentes grupos que o rodeiam e só assim é possível se identificar com um em especial. Então, uma questão que leva os adolescentes ao movimento gay é terem se identificado como gays em algum momento de suas vidas. No caso do GGB, esse é um dos resultados do Projeto Se Ligue. Como ressalta WoodWard (2000) as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8). Essas questões parecem interligadas, ou seja, identificar-se como gay e encontrar o seu grupo de pertença passa pela linguagem e pela imagem.

É cada vez mais frequente o entendimento do discurso como construção social, como uma ação no mundo. Dessa forma, o seu significado é construído e negociado pelos envolvidos, que estão situados num contexto social, histórico, cultural e em meio a relações de poder que posicionam cada um dos participantes (LOPES, 2002). Esse entendimento traz uma nova luz ao trabalho dos grupos gays nas escolas e coloca as histórias compartilhadas no centro das atenções. Quando os integrantes recorrem as suas histórias de vida e de outros membros como exemplo, isso serve para construírem a realidade e

para que os adolescentes entendam do que eles estão falando, que realidade social estão significando. Assim, o material é recheado de frases como: “Eu estava com medo. Aí encontrei o endereço e o telefone de um grupo de apoio para gays. Fiquei feliz por conhecer outros gays na minha cidade”, “Eu não perco uma única reunião do meu grupo gay. Foi lá que encontrei meus melhores amigos”, “Por incrível que pareça minha avó é a pessoa que mais me apoia, e teve uma época em que eu cheguei a pensar que nunca contaria para a minha família”, entre outras. É a prática da existência dos membros, construídas a partir das histórias partilhadas, que vão organizando um “nós”, de tal forma que assim como sofremos a interferência do outro, também interferimos na realidade desse outro.

Pensar o discurso como construção social é pensar como a realidade vai sendo construída pelos participantes e como eles próprios vão construindo a si mesmos e aos outros através dos discursos. Assim, por mais que os integrantes dos grupos não tenham consciência desse processo de construção que une discursos (linguagem) e identidades, eles estão percebendo a construção das identidades homossexuais como processos, que são sempre intermináveis porque dizem respeito as representações, aos discursos, as imagens que estão sendo produzidas sobre homossexualidades.

Então, quando colocam a homossexualidade em discussão, estão criando vínculos através dos discursos como aqueles que passam, sentem e agem da mesma forma ou que se aproxima ao que eles falam. Se as identidades são construídas pela linguagem, pela relação com o outro, há de se discutir como os grupos estão contribuindo para a construção das identidades dos adolescentes quando produzem material informativo sobre as homossexualidades. Qual o papel das histórias compartilhadas nesse processo? Como a história do outro serve para a construção de pertencimento? Como nos engajamos e engajamos os outros nos discursos e como os significados são construídos? Assim sendo, a construção das identidades pode ser entendida como resultado dessa socialização institucional, seja ela feita no encontro dos grupos gays com as escolas, seja através do conhecimento produzido.

Pelo que podemos perceber, a identidade como homossexual é construída em diálogo com o outro, mais do que pela convicção de pertencimento do grupo. Portanto, a construção da identidade se dá no encontro com o outro numa construção social e não como algo natural. Mas a partir daí, ele busca informações sobre o que é ser homossexual. Assim, o espaço dos grupos gays se torna locais de informação por excelência. Esses

adolescentes vão ao movimento exatamente procurando saber quem são, ou seja, o que é essa “coisa” chamada homossexual. Seguindo esse raciocínio, o trabalho dos grupos gays no interior das escolas adquire um outro sentido, de extrema importância e responsabilidade.

E nesses casos, o objetivo não é apenas fazer com que adolescentes que se sintam gays possam tomar conhecimento que existem espaços como o movimento gay e que podem buscar auxílio nesses locais, mas também há um objetivo que vai além dos adolescentes homossexuais, mas que está preocupado com a mudança de imagem do homossexual entre os adolescentes de forma geral. Assim, mesmo que os adolescentes homossexuais não se sintam a vontade de procurar o movimento e se integrarem nos grupo adolescentes, eles poderão ter informações que nesse momento possam causar um alento diante de suas dúvidas e incertezas e que podem construir para eles um espaço mais democráticos no relacionamento com seus amigos de escola.

Este texto foi escrito para ajudar você – para responder algumas das suas dúvidas, para sugerir livros que você possa ler e pessoas com quem você possa conversar – e para ajudar você a entender três coisa muito importantes:

1. Ser gay, lésbica ou bissexual é uma maneira normal e saudável de viver. É uma parte a mais do que você é – como ser alto ou baixo, branco ou negro, carioca ou paulista.
2. Descobrir quem você é leva tempo. É normal você estar confuso, é natural você não ter certeza se é ou não homossexual. Não há porque ter pressa: tudo bem se você demorar para descobrir qual o caminho que lhe trará maior felicidade.
3. Você não está sozinho. Neste exato momento, dezenas de milhares de jovens adolescentes estão pensando se são gays ou querendo saber se são gays, todos tentando descobrir se eles são os únicos, todos tentando encontrar alguém para conversar sobre isso. Milhões de homens e mulheres no mundo inteiro já passaram por este caminho. (GGB, 3)

A narrativa das histórias de vida parece servir para entendimento de quem conta e de quem ouve, de como aprenderam a construir suas identidades como homossexuais na vida social. Neste sentido, elas servem para criar sentidos, para explicar o mundo e para entender como nos somos neste mundo. Contar e ouvir histórias de vida, compartilhar emoções, sentimentos e significados servem para construir a identidade de quem conta e as identidades dos outros, que estão participando dessa narrativa. Compartilhar histórias cria

uma noção de grupo de pertencimento, já que a história contada não é somente a história de quem conta, mas igualmente a história dos outros, seja pelo que se assemelha ou pelo que diferencia. Talvez por isso as histórias de vida estejam tão presentes nas reuniões com os adolescentes. Elas servem para criar sentido interno de si-mesmo, assim como para transmitir e negociar este si-mesmo com os outros.

Por tudo isso, parece ser possível entender o trabalho do movimento gay a partir de uma essência educativa, que implica pensar o movimento como espaço em que se desenvolve o que a educação tem de mais nobre: sua relação formativa e humanizante. Não uma formação com um modelo normativo e prescrito de desenvolvimento e de realização, mas, como defende Larrosa, “algo assim como um devir plural e criativo” (2000, p. 12). Quando se dedica a leitura de mundo, o movimento insere essa prática como expressão da pluralidade e da diferença, em direção ao desconhecido que se trata da construção de um “homem-por-vir”, uma “palavra-por-vir” e um “tempo-por-vir”. (LARROSA, 2000, p. 14). Assim, estamos falando de um movimento e de uma educação organizados pela mesma perspectiva: a produção infinita de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que o projeto Se Ligue, assim como as outras formas de intervenção dos grupos nas escolas e a preocupação com a educação, revela é a denúncia de que há uma ausência de suas histórias, suas preocupações e suas práticas nos currículos, embora a presença da homossexualidade na escola é recorrente, seja como fato ou como assunto. Os homossexuais sempre falaram de um lugar desvalorizado, que ecoavam das margens da cultura. Pensar uma nova posição para esse segmento, ocupar um outro lugar que não a margem representa questionar essa relação entre centro e margem da cultura e problematizar o poder que organiza essas posições. (LOURO, 2003, p. 42). Seguindo essa perspectiva de análise, Meyer nos ajuda a entender o trabalho dos grupos gays, quando ao escrever sobre a importância dos movimentos sociais de grupos minoritários ressalta que ele “ajudaram então a redefinir e a ampliar não só os sentidos de educativo, mas também os de político, de um modo tal que temas como corpo, sexualidade, maternidade, relações afetivas e muitos outros mais pudessem ser problematizados a partir deles (2003, p. 25-26).

Introduzir a discussão das homossexualidades na escola enquadra o trabalho dos grupos gays no “conceito de pedagogias culturais”, que propõe a ampliação das noções de educação e do que seja educativo, inserindo nesses processos discussões que envolvem cinema, música, meios de comunicação, imagens e “os grupos de iguais, os quais produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade, de conceber e de se relacionar com autoridades instituídas, de conhecer o eu e o outro (...)” (MEYER, 2003, p. 22).

Pensar a ação dos grupos gays a partir da construção de material didático, significa atribuí-lo um valor pedagógico, o que certamente expressa uma ação no mundo e com o mundo, interferindo nele e percebendo como somos influenciados por ele. Dessa forma, as ações dos grupos não são neutras, elas têm consequências que precisam ser pensadas, problematizadas, questionadas, enfim, analisadas para que possamos valorizar as perguntas mais que as respostas, de tal forma que possibilite projetarmos o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GGB – Grupo Gay da Bahia. *Seja você mesmo*: para jovens, gays, lésbicas e bissexuais. Projeto Se Ligue:Salvador.

_____. *Juventude & Homossexualidade*: noções básicas de direitos humanos para educadores no trato com gays e lésbicas no ambiente escolar. Projeto Se Ligue: Salvador, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro:Edições Graal, 1988.

GÓIS, João Bosco Hora. A mudança no discurso educacional das ONGS/AIDS no Brasil: concepções e desdobramentos práticos (1985-1998). *Interface- comunic, Saúde, Educ*, v. 7, n. 13, p. 27-44, 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro:DP&A, 1999.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. p. 103-133. Petrópolis:Vozes, 2000.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte:Autêntica, 2000.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas:Mercado de Letras, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. p. 41-52. Petrópolis:Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. p. 9-27. Petrópolis:Vozes, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. *Revista Tempo Social*, n. 1-2, v. 5, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. p. 73-102. Petrópolis:Vozes, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. p. 37-72. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. p. 7-72. Petrópolis:Vozes, 2000.